



Música, formação de identidade e apropriação de memórias na década de 1980 em Blumenau - SC

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

Camila Werling
UDESC - camilawerling@gmail.com

Resumo: O resgate e a reinserção de memórias que conectavam a identidade de Blumenau a seus primeiros imigrantes pode ser encontrado nos prédios enxaimel que se erguiam nas principais ruas da cidade e nas manifestações musicais que caracterizaram Blumenau na década de 1980 como cidade alemã. Esse artigo procura verificar de que forma a representação musical das “bandinhas alemãs” legitimava o imaginário social germânico construído e reinserido nesse período, na perspectiva de sua real inserção no cotidiano da cidade. Por meio dessa reflexão percebe-se que o diálogo dessas práticas musicais reforçava a construção de uma identidade formada através de memórias sem, no entanto interpretar a realidade sonora da cidade.

Palavras-chave: Musicologia. História da Música em Santa Catarina. Identidade alemã.

Music, identity formation and appropriation of memories in 1980s in Blumenau – SC

Abstract: The rescue and inserting memories that connect the identity of Blumenau to its first immigrants could be found in the enxaimel's buildings that towered in the city's main streets and in the musical events that characterized Blumenau in the 1980s as a German city. This article wants to verify how the musical representation of the "German bands" legitimized the German social imaginary constructed and reinserted in that period from the perspective of their actual insertion into the city everyday. In this analysis it is clear that the dialogue of these musical practices reinforced the construction of an identity formed through memories, without interpreting the sound reality of the city.

Keywords: Musicology. History of Music in Santa Catarina. German identity.

1. Introdução

Andando pelas ruas centrais de Blumenau, Santa Catarina, percebe-se nas construções inspiradas no estilo enxaimel traços marcantes da colonização alemã que fundou a cidade. À mesma paisagem juntaram-se edifícios modernos que verticalizaram a cidade e ilustram os intensos processos de industrialização e crescimento urbano pelo qual Blumenau passou ao longo de sua história.

Da mesma forma como o plano físico da cidade representa as variantes fases do desenvolvimento urbano de Blumenau, a música ressoante nestes espaços representa seu plano simbólico. A representação destas práticas musicais pode ser percebida e analisada na

década de 1980 como agente construtor da identidade que se procurava reestabelecer na cidade.

Sendo assim este artigo busca fornecer uma perspectiva da construção musical de Blumenau na década de 1980 no sentido de compreender seu uso na reapropriação de práticas musicais que procuram formar e afirmar um imaginário social.

2. Blumenau, imigração, música e Campanha de Nacionalização

O contexto de formação das colônias alemãs no sul do país relacionou-se a uma política nacional que valorizava e incentivava a presença do imigrante europeu em terras brasileiras. Os imigrantes alemães exaltados por discursos que enalteciam sua capacidade e vontade para o trabalho tornaram-se o “ideal perfeito”, justificando e evocando em sua presença o “espírito empreendedor e laborioso”¹ a prosperidade e o progresso brasileiro (SEYFERTH, 2002; FERREIRA, 2000). O espírito de associativismo e o gosto pela música acompanharam os imigrantes alemães que chegaram em 1850 para formar a colônia blumenauense e foi presenciado através das diferentes sociedades de canto e música (*Gesangvereine* e *Musikkvereine*) que performaram os espaços físicos da cidade trazendo a harmonia de seus coros e a melodia dos metais à paisagem da colônia.

Por meio do *Deutschtum*² a preocupação em manter os costumes e tradições, especialmente as relacionadas às questões culturais dos colonos alemães apresentava-se como uma constante no cotidiano da cidade. O cenário musical até meados de 1930 mostrava-se ainda semelhante ao dos primeiros anos de formação da colônia; os coros desenvolviam suas atividades realizando encontros e desfiles pelas principais ruas da cidade, e as bandas animavam os salões e as festas de reis que ocorriam durante todo o ano em Blumenau. No entanto no fim da década de 1930 a forte herança dos imigrantes alemães passou a ser vista como representante de ameaça à integridade nacional. O advento da Segunda Guerra Mundial e a instauração da Campanha de Nacionalização pelo governo brasileiro alterou o cenário político, econômico e musical da cidade no fim da década de 30, obrigando a adaptação e adequação dos grupos (especialmente os que usavam o idioma alemão em suas canções) aos elementos nacionais (ROSSBACH, 2008; PEREIRA, 2014). As notícias da nacionalização e seus efeitos resultaram ainda no encerramento das atividades de inúmeras *gesangvereine* e *musikkvereine* que se viram obrigadas³ (no entanto incapacitadas) a inserir elementos e autores nacionais em seu repertório predominantemente germânico. Manifestações musicais simbólicas que não se adequaram as novas condições de escolha de repertório se viram obrigadas a suspender suas atividades. Dessa forma num momento em que a cidade ainda se

mantinha em grande parte ‘alemã’ pela sua constituição social e cultural, se vê forçada a ser representada como brasileira.

A Guerra teve seu fim, anos mais tarde a campanha de abasileiramento dos teuto-brasileiros perdeu a força no território nacional, e em Blumenau alguns desses grupos retomaram suas atividades, apoiados sobre uma forte revalorização da cultura dos imigrantes alemães, que a partir desse momento foi retomada, fortalecida, reinterpretada e partilhada até o presente no imaginário social da cidade.

3. A reinserção do elemento germânico e a formação de identidade através da música

Se nos anos em que se desenvolveu a Campanha de Nacionalização o discurso foi de assimilação e aculturação pelos alemães do Vale do Itajaí, em 1947 a elite blumenauense que investiu no *Deutschtum* voltou a assumir a hegemonia política do município após o retorno das eleições. Aliado a esse cenário político o fim da Segunda Guerra e da Campanha de Nacionalização permitiu a algumas das sociedades de canto que outrora haviam encerrado suas atividades, por problemas de adequação ao ideal nacionalizador, a retomada de sua prática musical antes silenciada. Iniciou-se ainda um processo de reorientação de discursos de identidade que culminou na década de 80 com campanhas de incentivo turístico que através da música, arquitetura e gastronomia, moldaram novamente a imagem de Blumenau como “a cidade mais alemã do país”.

O resgate às tradições alemãs veio ao encontro da necessidade de expansão da atividade turística como uma alternativa à economia da cidade, uma vez que em meados da década de 80 a indústria têxtil passou a sofrer os efeitos da globalização mundial e enfrentou consideráveis dificuldades financeiras. Nesse sentido a produção econômica que se desenvolvia essencialmente em função da produção industrial viu nas raízes da colonização uma oportunidade de reestruturação econômica através do desenvolvimento do turismo na região, investindo assim na reapropriação da imagem de uma cidade germânica.

Aliados a esses discursos os investimentos na memória e a aclamação do passado produziram a partir de então um conjunto de transformações que passaram pelo plano físico (arquitetura e estética urbana) e simbólico (música e demais manifestações culturais) e implicaram em mudanças de percepção em relação aos espaços da cidade. Nessa perspectiva, a tragédia de uma enchente que inundou grande parte do município em 1983 possibilitou ainda o resgate da valoração do trabalho alemão vinculando-o a questões de etnicidade e

justificou a criação da primeira Oktoberfest em Blumenau (FROTSCHER, 2000), festa que veio tornar-se o ápice dessa política de reconstrução identitária.

O novo espaço que a Oktoberfest criou refletiu no aumento do número das bandas que alteraram suas formações e atrelaram sua imagem não apenas a um repertório em língua alemã, como também a figurinos compostos de trajes de regiões típicas da Alemanha, partindo de uma longa tradição regional já mesclada e dinamizada. As bandas e seus repertórios passaram a atuar na representação da imagem germânica de Blumenau no plano simbólico incorporando o ideal germânico e movimentando-se em função da valorização da cultura teuto-brasileira, tornando-se símbolo cultural da cidade. Conforme Hall (2003)

O significado de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social ao qual está incorporado, pelas práticas às quais se articula e é chamado a ressoar. O que importa não são os objetos culturais intrínsecos ou historicamente determinados, mas o estado do jogo de relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela (HALL, 2003: 258).

Nesse sentido a reapropriação da música, da gastronomia e do vestuário conferia voz, ressoava e legitimava os novos discursos de ressignificação da cultura germânica tornando-a parte do patrimônio da cidade. Lino Vieira, músico que atuante na Oktoberfest de Blumenau conta: “Se você vai à França vai à Torre Eiffel, se você viesse a Blumenau tinha que ir no Castelinho da Moellmann bater uma foto com a Banda Cavalinho” (VIEIRA, 2014). A importância da música nessa apropriação de memórias foi apontada até mesmo pelos músicos estrangeiros que passaram pela Oktoberfest. Erhardt Rauch, vocalista e trompetista da banda alemã Trachtenkapellen Hessla ressaltou que “na Alemanha, as bandas são coadjuvantes. Elas tocam enquanto os visitantes comem, bebem e conversam. Por aqui, [em Blumenau] a música é a alma da festa, todos prestam atenção e participam do show.” (OKTOBERFEST BLUMENAU, 2015).

No entanto o repertório das bandas locais diferenciava-se ao do apresentado pelas bandas alemãs que vinham apresentar-se na festa. Enquanto as bandas locais deveriam oferecer 90% das músicas tendo origem alemã, as bandas alemãs traziam em seu repertório canções brasileiras como “Ilariê” e “País Tropical” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 11 out. 1988). O ponto central da argumentação estava em caracterizar a festa como “alemã” em sua essência e nisso música “alemã” e “não alemã” foram descritas a partir de critérios emocionais como: “Oktoberfest significou um grito de alegria, tão qual é o fluído da música alemã, uma música alegre [...] que eleva o ser humano a se congarçar, a se divertir em

solidariedade [...] sem exageros de outros aspectos ressuscitados [...] por outros ritmos que não este germânico” (HERBERS, 2014: 173).

A discussão da autenticidade no repertório musical da festa vai além quando se escuta a fala de um músico: “baile alemão aqui tocava muito pouco [na década de 80], até hoje não tem muito baile alemão em Blumenau, é um falso tradicionalismo... ‘-Ah! Tem baile de chopp em tal lugar!’ tu vai, mas metade, 50% desse baile vai tocar música gaúcha ou sertanejo, as bandas alemãs não tem mais espaço pra tocar” (VIEIRA, 2014). Ainda nesse sentido percebe-se uma diferenciação entre as bandinhas alemãs que tocavam e cantavam nos restaurantes e bares da cidade (somente durante a época de outubro) e as bandas locais “alemãs” que tocavam nos pavilhões da festa, diminuindo a importância de questões de autenticidade à medida que elementos modernos de gêneros como o rock e o pop eram incorporados aos repertórios da festa. “As ‘bandinhas’ instrumentais acabaram retendo, de certa forma, um repertório mais próximo da música trazida pelos imigrantes alemães, enquanto as ‘bandas’ [...], procuravam criar novas composições, absorver novos ritmos e atingir diferentes públicos” (STAMBOROSKI JR, 2011: 29).

Nota-se que o discurso de autenticidade as tensões e polêmicas em torno do repertório refletiam diretamente na manutenção da identidade alemã no imaginário social. “Lá fora divulgava-se que Blumenau era só música alemã. Há muitos e muitos anos o turista chega em Blumenau, ele quer ouvir música alemã e ele não sabe onde ir, e nós também não sabemos dizer para um turista ‘-oh, vai lá que tem’. Não tem, é muito difícil” (VIEIRA, 2014). Mesmo a “tradição” manifestando-se apenas no período da festa, sem uma preocupação a longo prazo com sua manutenção (tendo em vista que pouco se falava nos coros que também mantinham suas atividades musicais conectadas ao elemento germânico) foi incutida no imaginário social folclóricas e difundida para além do município a ideia de que a música na cidade por muitas vezes restringia-se a polkas, valsas e marchas, tocadas num estilo “típico alemão” construído semelhante ao de bandinhas, e que assim sendo outras manifestações musicais não ocupariam lugar na cidade.

4. Considerações Finais

Se o reflexo na década de 1940, quando segundo Giralda Seyferth (2002) as ações governamentais motivadas pelo significado simbólico da língua fizeram recair a ênfase dos processos assimilacionistas na nacionalização cultural, foi a produção de uma “Blumenau nacional”, então o inverso também é válido na cidade após a segunda metade do século XX, quando as práticas culturais associadas ao elemento colonizador validaram a construção simbólica e o imaginário da cidade germânica.



Nota-se que na formação dos discursos que reconectavam Blumenau à pátria de seus imigrantes a música das “bandinhas típicas” representava a afirmação desse ideal no plano simbólico conectando sonoramente o município ao seu plano físico. No entanto o discurso de autenticidade e as exigências quanto ao repertório (na festa que simbolizava o ápice desse ideal) não simbolizavam efetivamente a escuta dos moradores da cidade, tampouco dos turistas que vinham à Oktoberfest. Os esforços de manutenção da tradição cultural germânica, especialmente no âmbito musical, se deram quase que da mesma forma como os de outros gêneros que se camuflaram dentro desse imaginário de tradição construída; eles pouco apareciam no cotidiano ou nos espaços urbanos centrais da cidade. Dessa forma a retomada das práticas ligadas ao elemento germânico não necessariamente significaram para Blumenau o retorno das melodias alemãs tradicionais no cotidiano urbano na cidade, e sim uma tradição inventada e vivenciada em espaços e tempo restritos, apresentando-se como uma ferramenta essencial na construção da identidade municipal. Como nos afirma Carter (2002) “a música pode alcançar um poder simbólico e simbolizador além de si mesma através de sua capacidade de marcar o espaço conceitual e funcional de diversas formas.” (CARTER, 2002: 14).

Referências:

- CARTER, Tim. The sound of silence: models for an urban musicology. *Urban History*. v. 29, 2002. p. 8-18.
- FERREIRA, Cristina. Identidade e cidadania na comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes* - Blumenau: Nova Letra, 2000.
- FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes* - Blumenau: Nova Letra, 2000.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Unesco, 2003.
- HERBERS, Leonie. A Oktoberfest de Blumenau – uma festa “alemã”? Grupos de danças folclóricas e programação musical entre Alemanha, Brasil e o imaginário cultural teuto-brasileiro, 1984-2009. In: *História: Debates e Tendências* v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 167-181.
- PEREIRA, Tiago. *Pela escuta de Heinz Geyer na “cidade ressonante”*: música e Campanha de Nacionalização do cotidiano urbano de Blumenau-SC (1921-1945). 211f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.
- ROSSBACH, Roberto Fabiano. *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)*. 175f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- SEYFERTH, Giralda. Colonização, Imigração e a questão racial no Brasil. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.
- _____. As Identidades dos imigrantes e o *Melting Pot* Nacional. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 6, n. 14, nov. 2000. p. 143-176.



STAMBOROSKI JR, Amauri Antonio. *Música Popular Germânica no Sul do Brasil: um panorama histórico da “bandinha” ao “pop do sul”*. Funarte. Ministério da Cultura. São Paulo, 2011.

Entrevistas

VIEIRA, Lino. Entrevista concedida a Camila Werling em 20 jan. 2014. Blumenau. Registro gravado.

Jornais

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, SC. 1971-2013 (diário).

Website

OKTOBERFEST BLUMENAU. Notícias. s/ autor. 12 out. 2015. Disponível em: <http://www.oktoberfestblumenau.com.br/oktoberfest/noticias/bandas-alemas-sao-grande-atracao-nos-palcos-da-oktoberfest-2015>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

Notas

¹ A esse respeito ver FERREIRA, 2000.

² O *Deutschtum* representa o movimento que investiu na manutenção de uma identidade germânica aos imigrantes alemães, principalmente no que diz respeito a questões como língua e cultura. Posteriormente, na década de 30, se dissolveu em outra corrente denominada *Brasil-Deutschtum* que apostava na dualidade dessa identidade para garantir aos imigrantes a preservação de aspectos culturais como a música, usufruindo no entanto dos direitos (principalmente políticos e sociais) de cidadãos brasileiros, adquiridos entre outros meios, pela língua portuguesa (FROTSCHER, 2000).

³ O artigo primeiro da Lei nº 385, de 26 de janeiro de 1937 obriga a inserção de peças de autores brasileiros natos na apresentação de programas musicais em teatros e salas de espetáculo do país.